

Alternância e desconcerto na busca do amor transtemporal

JOSÉ CLÉCIO BASÍLIO QUESADO
Prof. de Literatura Portuguesa da
Faculdade de Letras da UFRJ

*Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que podes merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Camões

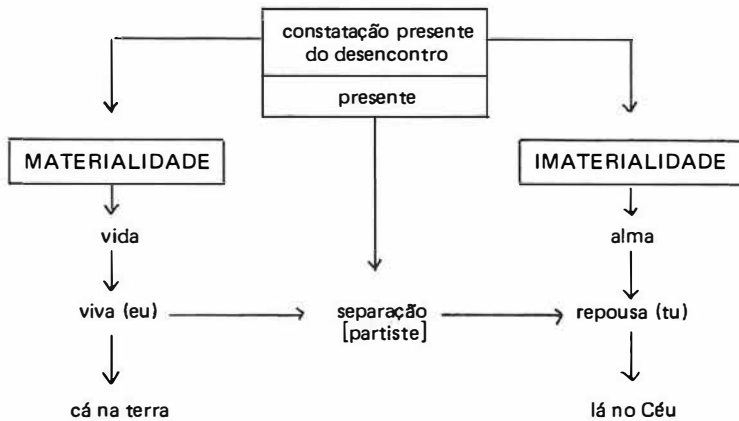
Toda a poética de Camões se articula a partir de um sistema de oposições organizado em face de um eixo básico: aparência/essência. Na barra deste eixo se instaura a visão de desconcerto como tônica maior de sua lírica, instituindo uma relação de dissonância (Eu x Mundo) e duas relações de conflito: uma de conflito noológico (Eu x Eu) e outra de conflito cosmológico (Mundo x Mundo). A relação de dissonância noo-cosmológica configura uma tensão lírica, enquanto as duas outras, uma tensão dramática em que os elementos opostos se encontram na mesma categoria: seja na do sujeito (Eu), seja na do objeto (Mundo). A lírica camoniana é, no seu conteúdo fundamental, de essência dramática.

O poema que tomamos para análise trabalha o eixo aparência/essência a partir de uma isotopia fundamental sistematizada pelos semas materialidade/

imaterialidade, tendo o amor como elemento de referenciação. Sua estrutura pode ser dividida em três movimentos. O primeiro se compõe da primeira estrofe e se apresenta como uma tese de constatação da separação, pela morte, entre o amador e a amada. O segundo inclui a segunda e terceira estrofes abertas pela condicional *se* e configura a hipótese do virtual reencontro dos amantes. O terceiro movimento se verifica na última estrofe e postula a exortação ao virtual reencontro na imaterialidade, através do esvaziamento da materialidade.

O primeiro segmento estrutura os semas isotópicos* materialidade/imaterialidade através dos sememas *viva* (vida) e *repousa* (morte), abrindo a oposição entre o Eu (amador) e o Tu (amada) e relacionando ainda outra polaridade, já agora em termos de especialidade: “cá na terra”/“lá no Céu”. Estes dois conjuntos semêmicos opostos são relacionados pelo verbo *partiste* que traduz a idéia da transposição da materialidade para a imaterialidade. Todo este primeiro plano se realiza no presente, configurando a constatação da separação, a dissonância a ser dissolvida pela proposta final encontrada no terceiro segmento.

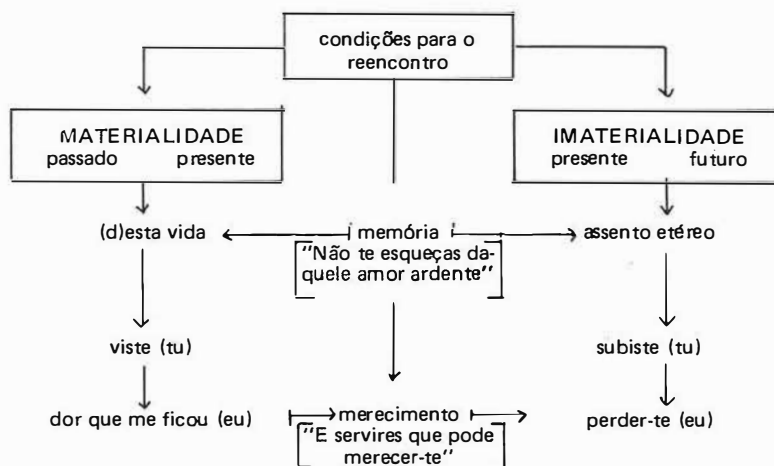
Assim, teremos:



No segundo movimento, abrem-se duas condições para o virtual reencontro dos amantes na transcendência: a possibilidade de *memória* e o *merecimento* pelo amor passado e pela dor que restou da separação. Ao contrário do primeiro, em que se configura apenas a constatação presente da separação, este plano abre uma oposição temporal que prepara a busca de transtemporalidade referenciada no último. Esta oposição se faz entre passado e presente. O passado persiste como presente para o amador e o presente em que se encontra a amada, por ser imaterial, persiste como futuro. Os semas básicos da isotopia podem ser lidos no poema através dos sememas opositivos “(d)esta vida”/“assento etéreo”, “viste”/“subiste” e “dor que me ficou”/“perder-te”.

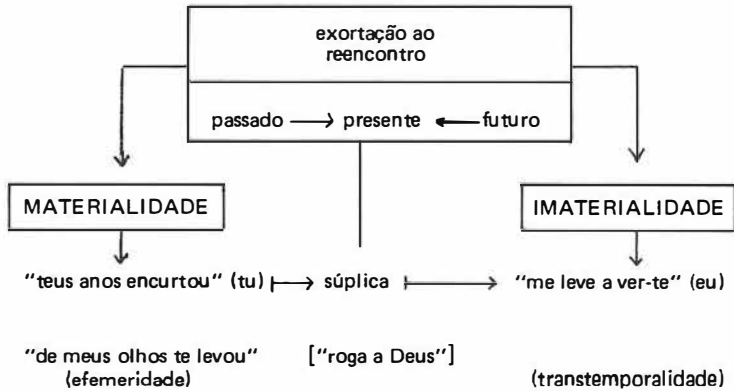
Vale esclarecer que a forma verbal “subiste”, embora apresentada no passado, funciona com idéia de presente remetendo para o futuro, uma vez que referencia a ação concluída da passagem da amada do estado passado (vida, materialidade) para o atual (morte, imaterialidade). O tempo presente se mostra como o vazio impreenchível pela amada, enquanto que o futuro como o vazio virtualmente preenchível pelo amador. Este caráter de virtualidade, apresentado através dos mediadores *memórias* e *merecimentos*, arma a exortação ao reencontro formulada no último movimento do poema. Verifique-se ainda neste segmento que esta virtualidade aparece sugerida a partir da presença, como sujeito, do amador e da amada tanto no pólo da materialidade como no da imaterialidade.

Num resumo esquemático, teremos:



O terceiro movimento abre a síntese dentro da organicidade lógica do poema com a exortação ao reencontro na imaterialidade, através da súplica “roga a Deus”. Constatado o caráter de efemeridade da vida terrena (“teus anos encurtou” e “de meus olhos te levou”), verifica-se a busca de atualização da virtualidade do reencontro pelo desejo do amador de antecipar a imaterialidade para também transtemporalizar-se: “Que tão cedo de cá me leve a ver-te”. Se observamos o nível prosódico deste movimento, verificaremos que as formas verbais (encurtou, levou/roga/leve a ver-te) se organizam em três planos temporais remetendo o primeiro e o último para o presente, de forma que a súplica (“roga a Deus”) funciona como elemento catalizador da busca de transtemporalidade. Observe-se que agora o amador aparece presente no plano da imaterialidade.

Representando graficamente, podemos assim demonstrar:



Como podemos observar, o redimensionamento do tempo é que articula a possibilidade do reencontro, da transtemporalização. Assim é por ele que se processa o esquema lógico que preside todo o plano sintático do soneto, numa estrutura silogística de tese, hipóteses e síntese, marca constante não só da lírica camoniana como de toda a retórica clássica. Uma vez que o tempo se transtemporaliza, temos a passagem do dinamismo da materialidade (“viva eu cá na terra”) para a estatismo da imaterialidade (“repousa lá no Céu” e “me leve a ver-te”), no que consiste mais um aspecto da mesma retórica. Nessa medida, a busca de transculturalização do amor implica na articulação do eixo vida/morte, na isotopia de interpretação, o que confirma os demais eixos constatados na isotopia de leitura. A oposição funcional desses eixos organizados pela idéia de tempo se mantém ainda, no nível prosódico, através da alternância dos elementos espaciais cá/lá, de modo que o espaço é temporalizado, ou seja, a busca de transtemporalidade implica na busca de transespacialidade. Esta oposição (cá/lá) se verifica, nas três primeiras estrofes, de modo alternativo de verso para verso, sendo que no último terceto ela se encontra em cada verso.

O verbo *ver*, de presença constante na lírica camoniana, aparece três vezes usado neste soneto. Pela sua utilização em tempos, modos e sentidos diferentes, podemos também comprovar a sustentação da estrutura levantada para a leitura do poema. A forma “viste” (verso 8), tendo como sujeito a amada (tu), remete para a constatação passada da materialidade (viste = constatate). “Vires” (verso 9), usado no sentido de considerares, abre a idéia de virtualidade presente da passagem da materialidade para a imaterialidade, através da noção de condicionalidade de que se reveste. Por fim, a forma “ver-te” (verso 13), compondo a exortação à transtemporalidade, remete para o reencontro futuro na imaterialidade. Desta forma, o verbo *ver* organiza no poema os três movimentos em que se estrutura o poema.

Assim sendo, levantado o sistema de relações que se operam neste soneto de Camões, podemos verificar que, na postulação da transculturalização

do amor, o poema apresenta toda uma estrutura lógica, trabalhada sobre as idéias de tempo e espaço, que pode ainda ser lida em vários outros aspectos do nível prosódico. Sendo dos mais representativos poemas da lírica da Camões, este soneto apresenta uma estrutura de alternância centrada na visão de desconcerto, própria da perspectiva pela qual o poeta enfoca o amor.